

OLIMPÍADAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ensino Secundário

2.^a Fase

Duração da prova: 90 minutos.

Data: 16 de maio de 2014

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta indelével, azul ou preta.

Escreva, de forma legível, a numeração dos grupos e dos itens, bem como as respetivas respostas. Todas as respostas devem ser registadas na folha de respostas.

Por cada item, apresente apenas uma resposta. Se escrever mais do que uma resposta a um mesmo item, apenas é classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

As respostas ilegíveis ou que não possam ser claramente identificadas são classificadas com zero pontos.

Para responder aos itens de escolha múltipla, escreva, na folha de respostas:

- o número do item;
- a letra que identifica a opção escolhida.

Para responder aos itens de associação/correspondência, escreva, na folha de respostas:

- o número do item;
- a letra que identifica cada afirmação e o número que identifica o elemento correspondente.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

A ortografia dos textos e de outros documentos segue o Acordo Ortográfico de 1990, devendo o mesmo ser respeitado na redação das respostas.

Grupo I

PARTE A

Leia atentamente o Texto A, que abaixo se transcreve.

Texto A

1 Era de novo fevereiro, e um fim de tarde arrepiado e cinzento, quando eu descii os Campos Elísios em demanda do 202. Adiante de mim caminhava, levemente curvado, um homem que, desde as botas rebrilhantes até às abas recurvas do chapéu de onde fugiam anéis dum cabelo crespo, ressumava elegância e a familiaridade das coisas finas.

5 Nas mãos, cruzadas atrás das costas, calçadas de anta branca, sustentava uma bengala grossa com castão de cristal. E só quando ele parou ao portão do 202 reconheci o nariz afilado, os fios do bigode corredios e sedosos.

– Ó Jacinto!

– Ó Zé Fernandes!

10 O abraço que nos enlaçou foi tão alvoroçado que o meu chapéu rolou na lama. E ambos murmurávamos, comovidos, entrando a grade:

– Há sete anos!...

E, todavia, nada mudara durante esses sete anos no jardim do 202! Ainda entre as duas áleas bem areadas se arredondava uma relva, mais lisa e varrida que a lã dum tapete. No meio, o vaso coríntico esperava abril para resplandecer com túlipas e depois junho para transbordar de margaridas. E ao lado das escadas limiães, que uma vidraçaria toldava, as duas magras Deusas de pedra, do tempo de D. Galião, sustentavam as antigas lâmpadas de globos foscos, onde já silvava o gás. Mas dentro, no peristilo, logo me surpreendeu um elevador instalado por Jacinto – apesar do 202 ter somente dois andares, e ligados por uma escadaria tão doce que nunca ofendera a asma da Sr.^a D. Angelina! Espaçofo, tapetado, ele oferecia, para aquela jornada de sete segundos, confortos numerosos, um divã, uma pele de urso, um roteiro das ruas de Paris, prateleiras gradeadas com charutos e livros. Na antecâmara, onde desembarcámos, encontrei a temperatura macia e tépida duma tarde de maio, em Guiães. Um criado, mais atento ao termómetro que um piloto à agulha, regulava destramente a boca dourada do calorífero. E perfumadores entre palmeiras, como num terraço santo de Benares, esparziam um vapor, aromatizando e salutarmente humedecendo aquele ar delicado e superfino.

Eu murmurei, nas profundidades do meu assombrado ser:

– Eis a Civilização!

30 Jacinto empurrou uma porta, penetrámos numa nave cheia de majestade e sombra, onde reconheci a Biblioteca por tropeçar numa pilha monstruosa de livros novos. O meu amigo roçou de leve o dedo na parede: e uma coroa de lumes elétricos, refulgindo entre os labores do teto, alumiu as estantes monumentais, todas de ébano. Nelas repousavam mais de trinta mil volumes, encadernados em branco, em escarlate, em negro, com retoques de ouro, hirtos na sua pompa e na sua autoridade como doutores num concílio. Não contive a minha admiração:

– Ó Jacinto! Que depósito!

Ele murmurou, num sorriso descorado:

– Há que ler, há que ler...

40 Reparei, então, que o meu amigo emagrecera: e que o nariz se lhe afilara mais entre

duas rugas muito fundas, como as dum comediante cansado. Os anéis do seu cabelo lanígero rareavam sobre a testa, que perdera a antiga serenidade de mármore bem polido. Não frisava agora o bigode, murcho, caído em fios pensativos. Também notei que corcovava.

45 Ele erguera uma tapeçaria – entrámos no seu gabinete de trabalho, que me inquietou. Sobre a espessura dos tapetes sombrios os nossos passos perderam logo o som, e como a realidade. O damasco das paredes, os divãs, as madeiras, eram verdes, dum verde profundo de folha de louro. Sedas verdes envolviam as luzes elétricas, dispersas em lâmpadas tão baixas que lembravam estrelas caídas por cima das mesas, acabando de
50 arrefecer e morrer: só uma rebrilhava, nua e clara, no alto duma estante quadrada, esguia, solitária como uma torre numa planície, e de que o lume parecia ser o farol melancólico. Um biombo de laca verde, fresco de verde de relva, resguardava a chaminé de mármore verde, verde de mar sombrio, onde esmoreciam as brasas duma lenha aromática. E entre aqueles verdes reluzia, por sobre peanhas e pedestais, toda uma Mecânica sumptuosa,
55 aparelhos, lâminas, rodas, tubos, engrenagens, hastes, friezas, rigidezas de metais...

Mas Jacinto batia nas almofadas do divã, onde se enterrara com um modo cansado que eu não lhe conhecia:

– Para aqui, Zé Fernandes, para aqui! É necessário reatarmos estas nossas vidas, tão apartadas há sete anos!... em Guiães, sete anos!

60 – E tu, que tens feito, Jacinto?

O meu amigo encolheu molemente os ombros. Vivera – cumprira com serenidade todas as funções, as que pertencem à matéria e as que pertencem ao espírito...

Eça de Queirós, *A cidade e as serras*

1. Para responder a cada item (**1.1A.** a **1.12A.**), seleccione a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número do item e a alínea que identifica a opção escolhida.

1.1A. A figura avistada pelo narrador nos Campos Elísios

- (a) parecia acabrunhada, apesar da elegância dos trajes que envergava.
- (b) denotava uma certa distinção pretensiosa.
- (c) caminhava com leveza.
- (d) assemelhava-se àquele fim de tarde arrepiado e cinzento.

1.2A. No reencontro de Jacinto e Zé Fernandes,

- (a) revela-se o constrangimento entre as personagens.
- (b) patenteia-se grande comoção e alvoroço.
- (c) indicia-se uma alegria dissimulada.
- (d) fica clara a rivalidade existente entre ambos.

1.3A. A exclamação de Zé Fernandes «Eis a civilização!» (l. 29) resulta

- (a) da sua admiração face a tudo o que observa no 202.
- (b) do facto de já haver lâmpadas a gás.

- (c) da observação do luxo, do conforto e do progresso que rodeiam Jacinto.
- (d) do inebriamento provocado pelo vapor aromatizado que humedecia o ar da antecâmara.

1.4A. A descrição da Biblioteca (ll. 30-35)

- (a) traduz o progresso civilizacional.
- (b) revela a opulência pedante de Jacinto.
- (c) mostra que é um espaço organizado de cultivo das letras e do espírito.
- (d) sugere a magnificência combinada entre o espaço e o seu conteúdo.

1.5A. Em «– Há que ler, há que ler...» (l. 39), expressa-se

- (a) a convicção dos benefícios da leitura.
- (b) a compulsão da leitura.
- (c) a obrigação de uma atividade que parece não preencher a personagem.
- (d) uma atitude intencionalmente irónica face ao culto das letras.

1.6A. O gabinete de trabalho de Jacinto

- (a) possui uma luz mortiça que contrasta com o vivo entusiasmo da personagem face ao reencontro com Zé Fernandes.
- (b) parece constituir uma dimensão alternativa ao mundo real, em sintonia com o estado de espírito alheado da personagem.
- (c) espelha uma Natureza vibrante.
- (d) intensifica o deslumbramento de Zé Fernandes em relação à “Mecânica sumptuosa”.

1.7A. A reação de Jacinto à questão que lhe é colocada por Zé Fernandes (l. 60) evidencia

- (a) conformismo, enfastiamento e desalento.
- (b) conformismo, animosidade e angústia.
- (c) conformismo, angústia e enfastiamento.
- (d) conformismo, animosidade e desalento.

1.8A. Em «E, todavia, nada mudara durante esses sete anos no jardim do 202!» (l. 13), a utilização das palavras sublinhadas contribui para a coesão

- (a) lexical.
- (b) interfrásica.
- (c) referencial.
- (d) temporal.

1.9A. No segmento «Reparei, então, que o meu amigo emagrecera (...)» (l. 40), a forma verbal «emagrecera» corresponde, em relação à forma verbal «Reparei», a um tempo

- (a) anterior.
- (b) posterior.
- (c) simultâneo.
- (d) inacabado.

1.10A. A expressão «fios pensativos» (l. 43) encerra

- (a) uma hipérbole.
- (b) um hipérbato.
- (c) uma hipálage.
- (d) uma antítese.

1.11A. Na frase «É necessário reatarmos estas nossas vidas (...)» (l. 58), o constituinte sublinhado desempenha a função de

- (a) sujeito.
- (b) complemento direto.
- (c) modificador.
- (d) predicativo do sujeito.

1.12A. A interrogação «– E tu, que tens feito, Jacinto?» (l. 60) corresponde a um

- (a) ato ilocutório expressivo.
- (b) ato ilocutório diretivo.
- (c) ato ilocutório compromissivo.
- (d) ato ilocutório assertivo.

2. Partindo da frase «Nelas repousavam mais de trinta mil volumes, encadernados em branco, em escarlate, em negro, com retoques de ouro, hirtos na sua pompa e na sua autoridade como doutores num concílio.» (ll. 33-35), complete as asserções. Deve fazer corresponder uma palavra ou expressão a cada número.

- a.** A palavra «Nelas» resulta da contração da (1) «em» com o (2) «elas».
- b.** A palavra «Nelas» desempenha a função sintática de (3).
- c.** A palavra «encadernados» é formada através de um processo morfológico de (4).
- d.** O determinante «sua» pertence à subclasse dos determinantes (5) e constitui uma referência anafórica de (6).

3. Reescreva as frases, substituindo as expressões sublinhadas pelo pronome adequado.

- a) O elevador oferecia a Jacinto e a Zé Fernandes confortos numerosos.
- b) Veria Jacinto o seu amigo Zé Fernandes da mesma forma que há sete anos atrás?
- c) Zé Fernandes terá previamente observado o vaso coríntico e as deusas de pedra no jardim do 202.
- d) Conheceria Zé Fernandes aquele modo cansado a Jacinto?

PARTE B

Leia atentamente o Texto B, que abaixo se transcreve.

Texto B

Descida aos Infernos

- 1 Desço aos infernos, a descer em mim.
Mas agora o meu canto não perfura
O coração da morte,
À procura
- 5 Da sombra
Dum amor perdido.
Agora
É o repetido
Aceno
- 10 Do próprio abismo
Que me seduz.
É ele, embriaguez noturna da vontade,
Que me obriga a sair da claridade
E a caminhar sem luz.
- 15 Ergo a voz e mergulho
Dentro do poço,
Neste moço
Heroísmo
Dos poetas,
- 20 Que enfrentam confiantes
O interdito
Guardado por gigantes,
Cães vigilantes
Aos portões do mito.
- 25 E entro finalmente
No reino tenebroso
Das minhas trevas.
Quebra-se a lira,
Cessa a melodia;
- 30 E um medo triste, de vergonha e assombro,
Gela-me o sangue, rio sem nascente,
Onde o céu, lá do alto, se reflete,
Inútil como a paz que me promete.

Miguel Torga, *Orpheu Rebelde*

1. Para responder a cada item (**1.1B.** a **1.10B.**), selecione a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número do item e a alínea que identifica a opção escolhida.

1.1B. No poema, o verso «Desço aos infernos, a descer em mim.» (v. 1), significa que

- (a) o sujeito de enunciação está a passar por uma fase da sua vida difícil de suportar.
- (b) o sujeito poético iniciou uma viagem exploratória ao caos de si mesmo.
- (c) o “eu” poético pretende aprofundar o conhecimento que tem de si próprio.
- (d) o “eu” lírico, no momento da enunciação, se predispõe a iniciar um processo de introspeção que lhe será doloroso.

1.2B. O advérbio “agora” (v. 2) traduz

- (a) a ancoragem da descida num tempo único.
- (b) a iteração do processo de descida, embora em circunstâncias distintas.
- (c) a continuação de um processo de descida iniciado anteriormente.
- (d) a simultaneidade de processos de descida.

1.3B. A palavra “canto” (v. 2) significa

- (a) dor.
- (b) voz.
- (c) desejo.
- (d) poesia.

1.4B. No tempo presente,

- (a) o sujeito lírico, compelido por uma vontade taciturna, é inexoravelmente atraído para o abismo de si mesmo.
- (b) o sujeito lírico assiste a uma peleja entre o lado solar e o lado lunar de si mesmo.
- (c) o sujeito lírico, inebriado, caminha inconscientemente por abismos obscuros.
- (d) o sujeito lírico é atraído pela sedução do desconhecido.

1.5B. Na segunda estrofe,

- (a) o “eu” poético imerge nas profundezas de si mesmo, temerário face ao interdito.
- (b) o “eu” poético, no alvor da mocidade, enfrenta o interdito.
- (c) o “eu” poético mergulha num poço guardado por gigantes e cães vigilantes.
- (d) o “eu” poético, ao mergulhar no poço, fica aprisionado no mito.

1.6B. No final do poema, a contemplação do eu interior

- (a) é impedida pelo medo, pela vergonha e pelo assombro.
- (b) dá lugar ao vazio do som e ao entorpecimento.
- (c) espelha a imagem do “eu” lírico no céu.
- (d) promete uma paz inútil ao sujeito de enunciação.

1.7B. O estado de espírito do sujeito lírico não é realçado

- (a) pelo contraste luz-sombra expresso no vocabulário.
- (b) pela divisão tripartida do poema.
- (c) pelo recurso à métrica irregular.
- (d) pela utilização recorrente do cavalgamento (“enjambement”) e da aliteração.

1.8B. Nos versos 12-13 «É ele, embriaguez noturna da vontade, / Que me obriga a sair da claridade», o constituinte sublinhado exerce a função sintática de

- (a) complemento do nome.
- (b) modificador restritivo.
- (c) modificador apositivo.
- (d) vocativo.

1.9B. Em «(...) mergulho / Dentro do poço,» (vv.15-16), o sujeito de enunciação recorre a

- (a) uma hipérbole.
- (b) um paradoxo.
- (c) um oxímoro.
- (d) um pleonasma.

1.10B. No verso 33 «Inútil como a paz que me promete.», o antecedente da palavra sublinhada é

- (a) paz.
- (b) alto.
- (c) céu.
- (d) rio.

Grupo II

Leia os textos 1 e 2 que abaixo se transcrevem.

Texto 1

«Há outro paradoxo no amor: ele deve ser uma união, com a condição de cada um preservar a própria integridade. Faz com que dois seres estejam unidos e, contudo, permaneçam separados.»

Maria Lúcia Arruda *et alii*, *Filosofando*, Editora Moderna, 1986

Texto 2

Descida aos Infernos

- 1 Desço aos infernos, a descer em mim.
Mas agora o meu canto não perfura
O coração da morte,
À procura
- 5 Da sombra
Dum amor perdido.

Miguel Torga, *Orpheu Rebelde*

Partindo dos textos apresentados, elabore uma reflexão sobre a vivência do Amor pelo ser humano. Escreva um texto devidamente estruturado, de **duzentas a trezentas palavras**.

Deve abordar pelo menos três dos seguintes tópicos:

- o amor face à separação temporária e à separação definitiva do objeto amado;
- o amor face à separação devida a fatores alheios ao indivíduo;
- o amor como fator de desenvolvimento pessoal;
- o amor fruto de uma visão subjetiva do objeto amado;
- o amor como processo simbiótico entre dois seres;
- cruzamentos entre amor e amizade.

OBS: Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (exemplo:/di-lo-ei/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (exemplo:/2014/).

Fim da prova

Cotações

Grupo I

1.1A.	5 pontos
1.2A.	5 pontos
1.3A.	5 pontos
1.4A.	5 pontos
1.5A.	5 pontos
1.6A.	5 pontos
1.7A.	5 pontos
1.8A.	5 pontos
1.9A.	5 pontos
1.10A.	5 pontos
1.11A.	5 pontos
1.12A.	5 pontos
2.	24 pontos
3.	16 pontos
1.1B.	5 pontos
1.2B.	5 pontos
1.3B.	5 pontos
1.4B.	5 pontos
1.5B.	5 pontos
1.6B.	5 pontos
1.7B.	5 pontos
1.8B.	5 pontos
1.9B.	5 pontos
1.10B.	5 pontos

150 pontos

Grupo II

50 pontos

Total 200 pontos